

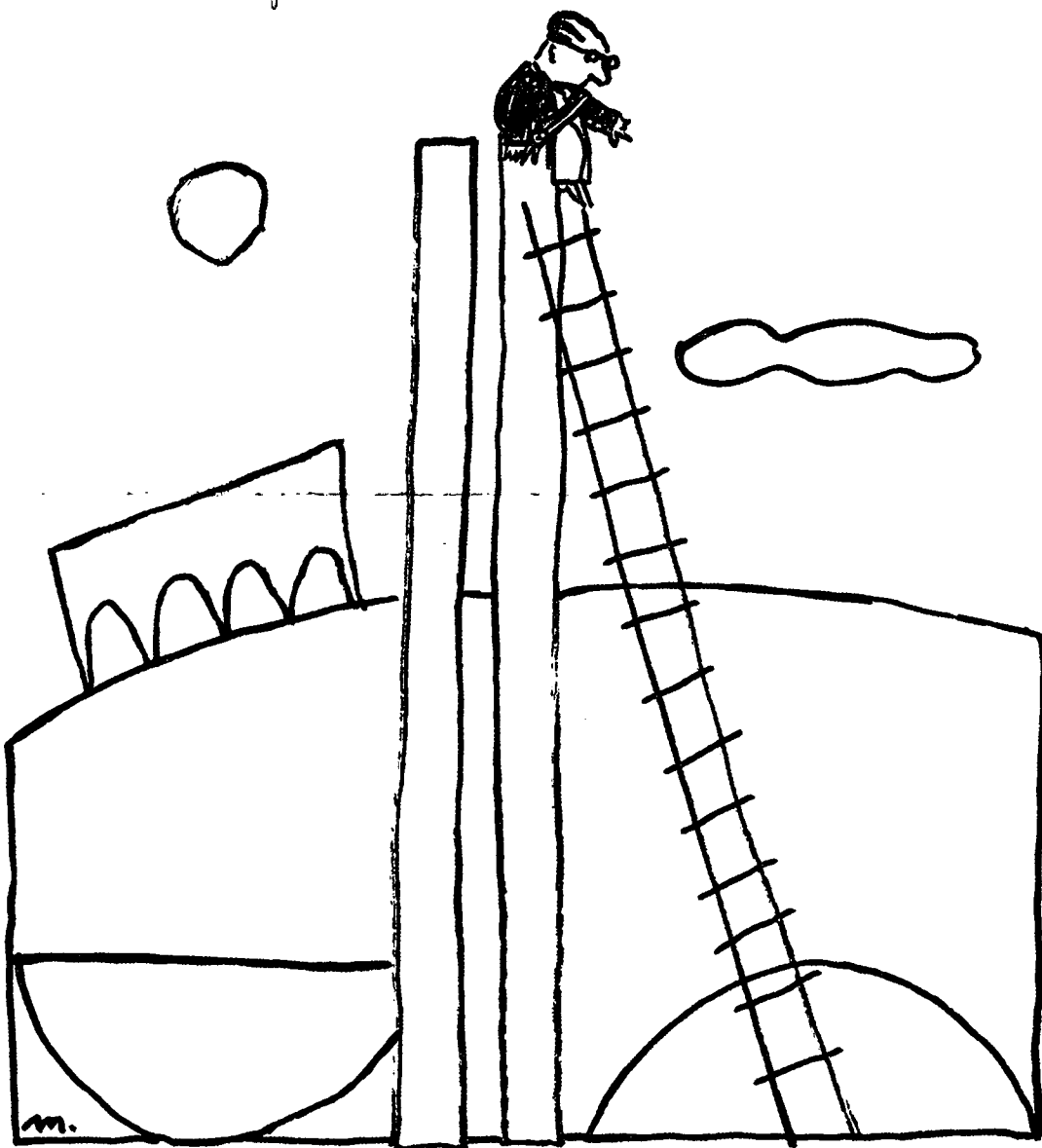
A posse, entre o vazio e a omissão

*CANDIDO MENDES

Maiores dotes do presidente agora no bis é essa confirmação da popularidade de segura, que lhe repetem as novíssimas pesquisas nos limites que fazem a democracia e, ao mesmo tempo, evitam todo o seu arruobc ou o perigo das seduções pessoais dos governantes. Os próprios símbolos em torno da posse só fazem reforçar esse triunfo consolidado de FH ao ensejar, ao mesmo tempo, a cobrança de sua melhoria. No seu quadro inédito, a reeleição se celebrou no vazio de Brasília, e na interrogação que fica na garganta, quanto ao compromisso final do Presidente com os rumos do país, neste fim de milênio. A capital esconde esse espaço-armadilha, onde o monumental pode sempre desanimar o humano, e a moldura tende a desorbitar o espetáculo e a esvaziar a presença das multidões, sempre expostas ao confronto liliputiano, diante da desmesura do espaço. Este ritual pode até chegar ao incongruente, como vimos na marcha dos Dragões da Independência, saídos do infundável do cerrado ralo, batendo as botas esgalgadas, lançam ao alto, na procissão da chegada da faixa a Palácio – relíquia ou despojo? – até quem a envergava, ainda na véspera. Ficou o gesto de seu recebimento perto da auto-imposição, na rotina que ora se abre para a primeira repetição, constitucional e democrática, das nossas presidências republicanas.

Mas é o Parlatório que evidenciou, de vez, a incongruência do mármore abrupto com a celebração democrática das praças do povo e sua arquitetura para ficar. É monumento chegado ao balcão mussoliniano do Palácio Veneza, e à distância sacral que, na hora do esplendor da pessoa, só permitem o carisma e a fascinação. Juscelino e Jânio deixaram naquele púlpito a marca indelével da primeira transmissão do cargo em Brasília. Os militares evitaram-na. Impossível pensar-se na ida de Sarney ou Itamar ao pódio da imantação popular. Collor o ocupou com toda a gula do mandato devorante, do delírio dos eleitores, a que importava, minutos após, o confisco. Defrontávamos, então, a cruzada impossível e inaudita, de um tzar em nosso Escorial.

A quem falou o presidente do alto do mármore inóspito? O mal à-vontade de FH frente à clareira em baixo só sacramenta para o futuro a saída do trambolho desse cenário cívico. O anticlímax e os gestos cidadãos da conviviabilidade, dos acenos discretos de reempossado, criaram o anticlímax definitivo para esse ritual na grande ratificação popular de um novo mandato. A míngua da gente continuava, no tom geral das platéias enrustidas em palácio, da figuração morna, agravada pela falta ostensiva das oposições. Nem carisma, nem torneio da frase para ficar, de FH, num discurso percorrido, inclusive, pelo fantasma do recado da primeira posse, que permitiu o melhor fecho kennediano: o de lutar o presidente, acima de tudo, por um país menos injusto. O recado perpassou a nova fala, inclusive como resposta do reeleito, à frase-epítáfio de Serjão que, ao lado de Luís Eduardo, deram a envergadura dos que FH tomou como testemunhas póstumas para a nova tarefa. A fazer jus à grandeza que lhe pediu o mais íntimo de seus ministros, o presidente quer se descartar do cinza de um fnero gerenciamento da crise. Mas como fazê-lo numa conjuntura global que, por definição, não domi-



namos, tanto persistamos no jogo da cabra-gea histórica do neoliberalismo e do retorno sem trégua de Hong Kongs, Malásias ou Rússias, e seus caos da hora?

Como distinguir, nessas enxurradas e estios de recursos, a especulação, do capital produtivo? Como, de fato, equilibrar o "déficit" público se a cada tempestade internacional vai abaixo todo o esforço interno de sair a nossa economia do despenhadeiro anterior. Medusado que está o sistema a este vaivém da catástrofe externa, passa o presidente de raspão, no discurso, pelo seu impacto trágico no que mais conta para nós, que é este aumento implacável do desemprego. A menção, entretanto, é quase que acidental, como a prestação de contas da nossa performance social acaba no tom do gerente que não quer ser, e não do homem de Estado que dá conta da tarefa com paixão, impelida pelo autêntico remorso – o grande e o cívico de Sérgio Mota – do que ainda não conseguiu.

A crítica ao presidente pode ser o ruído, pois, contínuo dos que se escudam nos pobres para melhor defender os seus privilégios. E com a tranquilidade de quem sociologicamente, pois, desqualifica o sentido de dissenso que caminha com o mandato, vê-se acolhido por essas maiorias silenciosas, de manifestação ainda virgem, à espera do último resultado. Por força, FH presume o seu assentimento, enquanto arrola diante do país essas maiorias expressas nos partidos, trazidos capitosamente ao nédio situacionismo do Congresso. Mas não se louva só nesse apoio, nem esconde a equação básica príncipe-povo, em que quer assentar o novo quadriênio. Há todo um Brasil que votou em FH em 94, como o candidato do Partido da Social Democracia; que entendeu as estratégias de ocasião com o PFL: que só fez

aplaudir o prodígio do Real. Mas viu, na estabilização, a promessa conseqüente do desenvolvimento, e a redução da mais obscena das desigualdades de renda que porta o dito mundo Ocidental.

O primeiro de janeiro seria o dia de dar-se nome aos bois, e manifestar a fala do trono na hora do ouvido do mundo, a opção pela social-democracia. Pela primeira vez o presidente nos fala, expressamente, em inserção ativa na globalização, aproxima-se do reforço a uma política regulatória pedida pelo nosso empresariado, e não repete os jargões agradáveis aos ouvidos do Congresso Republicano em Washington, do finado Newton Gringrich. A social democracia expressa, entretanto, não lhe veio à boca, no capital indiscutível de reforço externo que acarretaria, no momento em que vigora a moeda única européia, e o Continente optou decisivamente por um modelo nítido econômico e social para o milênio. Esta proclamação que o PSDB traz na sigla não se enruste. E uma Nação encurralada na conjuntura internacional como a nossa, não tem mais as liberdades estratégicas da ambigüidade de suas definições, ou de deferir ainda o seu recado. Aquela maioria silenciosa, que não rodeou o Parlatório, nem vem à rua, mantém a sua agenda final de expectativa do êxito tucano, que só se elenca numa agenda social democrata. FH multiplica a sua nova solidariedade internacional dizendo, de vez, a que veio. O vazio da posse só reforça o crédito da expectativa numa história que não permite correções póstumas de rumo. O que repercute, agora, é a omissão da palavra-chave. Sérgio Motta, vivo, não o permitiria.

* Presidente do Senior Board do Conselho Internacional de Ciências sociais – UNESCO, Membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Justiça e Paz e Deputado Federal pelo PSDB (RJ)